



Um abrigo de tábuas

“O Catetinho constituiu um símbolo. Foi ele a flama inspiradora que me ajudou a levar à frente, arrostando o pessimismo, a descrença e a oposição de milhões de pessoas, a ideia de transferência da sede do Governo. Vi que se um grupo de amigos, mais ou menos boêmios, fora capaz de erigir sem qualquer auxílio oficial e levado apenas pelo idealismo, aquele palácio de tábuas em 10 dias, o que eu não poderia fazer sendo o presidente da República e dispondo, já que o Congresso aprovara minha iniciativa, de todos os recursos governamentais?”

♦ Juscelino Kubitschek de Oliveira

N a grande mesa do fundo, no segundo piso do Juca's Bar, no Hotel Ambassador, centro do Rio de Janeiro, os jovens arquitetos Oscar, John, César e o violonista Dilermando se reuniam para discutir a vida e a política do país. Em um dos encontros de outubro de 1956, falaram sobre a área onde seria erigida a nova capital. Entre bebericadas de uísque, o comentário da vez era de que o presidente queria acompanhar as obras desde o início, mas não tinha onde ficar. Problema resolvido: Oscar rabisçou ali mesmo, em um guardanapo, o que se tornaria a primeira residência presidencial em Brasília.

Foi dada a largada, então, para a aventura no meio do cerrado. Os caminhões seguiam levantando poeira e trazendo móveis, utensílios e objetos de cozinha separados pelas esposas dos expedicionários. De avião, vinham os operários especializados e os chefes da obra, cujos nomes passavam a ser conhecidos: Oscar Niemeyer, César Prates, John Milton e Dilermando Reis.

Em 10 dias, a empreitada dos amigos estava pronta e ficou conhecida como palácio de tábuas, por ser todo em madeira de lei (ipê e aroeira). A ideia era construir rapidamente uma casa simples e confortável para abrigar o presidente. Tudo foi pensado: de rádio a geladeira até água quente no chuveiro da suíte presidencial, aquecida pela serpentina do fogão caipira.

Na recepção a JK, o entusiasmo dos operários se concretizou nas dedilhadas do violão de Dilermando em serenatas. Ele aproveitou a inspiração da noite enlurada de 10 de novembro de 1956 para carinhosamente apelidar de Catetinho o novo teto de Juscelino, numa referência ao Palácio do Catete — então residência oficial — no Rio. E as noites seguiram animadas no lugar que, até hoje, “representa o idealismo, a fé, a esperança, o amor ao trabalho, a bravura, o desprendimento, o patriotismo de milhares de brasileiros”, como depois relatou Ernesto Silva, presidente da Comissão de Planejamento da Construção de Brasília.

Memória

A base política brasileira se instalou no Catetinho até 1958, ano em que foi inaugurado o Alvorada. Um ano depois, foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e aberto à visitação. Nessa solenidade, o compositor Juca Chaves discursou: “O Catetinho foi, sobretudo, uma obra de alegria daqueles que acreditam no Brasil”.

Hoje, a casa de madeira ainda transmite a simplicidade de ideias que deram certo. Todos os dias, 300 visitantes conhecem o quarto de hóspedes e a sala de refeições no térreo, ambientes ainda preservados. A sala de despachos e o antigo quarto dos membros do governo protegem detalhes originais, objetos pessoais do ousado presidente e fotografias da construção.

A nascente Olho D'Água, descoberta por Juscelino quando esteve pela primeira vez no local, em 2 de outubro de 1955, que refrescou muitas vezes o suor dos operários ainda está lá e inspira poesia, como a canção *Água de beber*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Macacos, garças e até cotias marcam presença frequentemente. A proximidade com a BR-040 deixa o tráfego mais intenso do que na época da construção. E o som dos motores de 40 mil carros que passam na rodovia abafa a lembrança das músicas de Dilermando. Mesmo assim, neste lugar, está intacta, nas palavras de Ernesto Silva, uma lição para gerações futuras.

O arquiteto Luiz Márcio Penha, de 48 anos, veio das terras mineiras de Juscelino e tem 10 anos de Brasília, tempo suficiente para perceber a importância da simples edificação de Niemeyer. “É um prédio de tábua extremamente poético, pelo contexto, pelos pensamentos, pela poesia e pelos ideais que uniam as pessoas.” E completa: “A arquitetura casa com essa linda utopia.”

No Catetinho

No Catetinho, no ermo, Juscelino, Israel, pioneiros outros, a vigília, a espera do futuro a edificar-se entre o rumor dos campos, gritos vagos de animais, e por vezes um silêncio terrivelmente denso. No Catetinho, antes de tudo, inda antes da cidade, a indizível emoção aos poucos a repontar da solidão aos poucos abolida pelos passos audazes, pelas vozes e cantos, pela cálida certeza de estar serenamente desvendando a que (oculta) dormia e era preciso fazer surgir como uma flor febril sobre o imenso deserto sem lembrança.

Alphonsus de Guimaraens Filho, poeta mineiro, nasceu em Mariana.

Publicado na obra *Poemas para Brasília*, antologia de Joanyr de Oliveira